

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

ROZILAINE ARAÚJO ROSA LIMA

**ENTRE VERSOS E RIMAS: A HISTÓRIA DE SERGIPE NO CORDEL**

**São Cristóvão- SE**

Agosto de 2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

ROZILAINE ARAÚJO ROSA LIMA

**ENTRE VERSOS E RIMAS: A HISTÓRIA DE SERGIPE NO CORDEL**

Artigo entregue ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a conclusão do curso em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

São Cristóvão - SE

Agosto de 2019

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a literatura de cordel como um instrumento da história ao qual leva a diversas questões que podem se tornar norteadoras, uma vez que a depender da temática e da expressão popular, abrindo um leque de informações, ganhando espaço no campo educacional. Todavia, diante de vários autores sergipanos pesquisados podemos compreender que a história de Sergipe pode ser abordada de forma clara e concisa. A pesquisa é de cunho qualitativa e bibliográfica ao qual se utilizou da análise de cordéis, artigos e revistas científicas, notas de jornais e diversos endereços eletrônicos que deram subsídios a atual pesquisa. Diante do exposto, pode-se entender que a utilização da literatura de cordel no ambiente educacional, sobretudo no ensino de história, vem ganhando resultados positivos por se tornar uma atividade interdisciplinar e tendo um compromisso com a identidade do povo sergipano, esta literatura facilita o aprendizado de uma sociedade que não possui o hábito da leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cordelistas; Ensino de História; História de Sergipe; Literatura de Cordel.

## **Abstract**

The present work aims to present the string literature as an instrument of history that leads to several questions that can become guiding, since depending on the theme and popular expression, opening a range of information, gaining space in the field educational. However, in front of several researched Sergipan authors we can understand that Sergipe's story can be approached clearly and concisely. The research is of a qualitative and bibliographic nature, which used the analysis of several strings, articles and scientific journals, newspaper notes and various electronic addresses that gave subsidies to the current research. Given the above, it can be understood that the use of cordel literature in the educational environment, especially in the teaching of history, has been gaining positive results by becoming an interdisciplinary activity and having a commitment to the identity of the people of Sergipe, this literature facilitates the learning from a society that does not have the habit of reading

**Keywords:** Cordelistas; History teaching; Sergipe's History; Literature of twine.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2. O CORDEL E A HISTÓRIA.....</b>	<b>9</b>
<b>3. A HISTÓRIA DE SERGIPE NO CORDEL.....</b>	<b>14</b>
<b>4. ENSINAR E APRENDER A HISTÓRIA DE SERGIPE ENTRE VERSOS E RIMAS.....</b>	<b>20</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>



A Literatura de Cordel transmite não só o aprendizado, mas também os versos que cada ser humano necessita em seu coração.

Ezequiel Alcântara Soares

## 1. APRESENTAÇÃO

O cordel ou folhetos de versos está tão enraizado na cultura nordestina que muitos jamais imaginam que foi trazido para o Brasil pelos portugueses durante o período colonial. Este gênero literário popular pode não ter surgido aqui em terras tupiniquins, mas é tão nacional quanto a feijoada tradicional.

Diante desta literatura, tem-se uma infinidade de saberes. Pode-se dizer que os folhetos são uma fonte histórica muito valiosa para o historiador e para aqueles que desejam se informar sobre acontecimentos populares e políticos do tempo de sua produção ou de outros tempos. Sabendo que nem sempre quem escreveu esteve na história contada, que muitas vezes trata-se de uma ficção ou a realidade misturada com o imaginário popular.

A literatura de cordel apesar de muitas vezes ser classificada como cultura popular e por isso, de certa forma inferioriza, nem sempre está para o gosto daqueles que produzem um tipo de narrativa “mais sofisticada”, ao gosto das elites letradas. De popular ela tem muito sim, pois atinge todas as camadas sociais, e hoje mais ainda, seja pelos folhetos vendidos nos mercados, bancas e divulgada pelas mídias sociais, o que aumenta mais ainda o seu campo de alcance. Hoje, além de chegar a muitos lugares, a literatura de cordel também serve para manter a população informada de muitos acontecimentos políticos. E a sua vantagem, para além de ser escrita e lida, pode ser ouvida, cumprindo essa função social de informar e comunicar. Quem sabe, porque não dizer, esclarecer e conscientizar/educar.

Ganhando principal destaque no Nordeste, em uma linguagem ritmada e de fácil entendimento, a literatura de cordel conseguiu ficar gravada na mente de quem tem contato com ela. Na memória coletiva é a grande influenciadora de hábitos e de práticas culturais. Através das histórias contadas foi se formando um conhecimento popular que passou para o cordel confundindo-se com o real, a exemplo das histórias do Cangaço, ou, mais de perto por Lampião, que para muitos é um herói, e, para outros um bandido do sertão. As principais histórias contadas sobre Lampião foi e é transmitida principalmente de forma oral.

Por isso mesmo, para este trabalho nos valem da história oral. Da “(...) possibilidade de encontrar, através dos depoimentos de marginalizados, excluídos e vencidos, a verdadeira história. Uma história que rompe com o discurso oficial, e, portanto, capaz de desvendar a outra história ocultada e mascarada pelo poder (RIOS, 2000, p.10)”.

Destacamos aqui importância do registro oral para a memória de muitas pessoas, sobretudo para aquelas que se encontram à margem, no esquecimento. As fontes históricas que temos são as memórias resguardadas pelos relatos contados tanto pelos cordéis como pelos livros. Esse tipo de registro alcançou a grande mídia, através das novelas, como *O Cordel Encantado* (Rede Globo), *O Auto da Compadecida* (Ariano Suassuna). E, por isso mesmo, passou a dar visibilidade a pessoas e histórias antes conhecidas apenas nos rincões do interior nordestino, notadamente em feiras e estações de viagem, como rodoviárias.

Desta forma, o objetivo desse artigo é proporcionar uma compreensão da história de Sergipe no diálogo com a literatura de cordel, apresentar alguns cordelistas, com destaque para *Chiquinho Além*, que contou a história de Sergipe em Cordel, utilizando-se da xilogravura para ilustrar seus trabalhos.

Consciente das limitações e dos limites desse tipo de pesquisa, entende-se aqui a literatura de cordel uma fonte promissora para o historiador, sobretudo pelas possibilidades que ela oferece em seu ofício. Afora os cordéis, o artigo também se vale de referências bibliográficas sobre a História de Sergipe através da literatura de cordel.

O que se segue é resultado de um esforço, ainda que ensaístico, de compreensão da História de Sergipe a partir da produção cordelista a respeito do assunto, a oportunidade de exercitar a prática da pesquisa histórica por meio da relação, por vezes tênue, entre a história e a literatura.

## 2. O CORDEL E A HISTÓRIA

Desde a ocupação ibérica na América, algumas características culturais se difundiram, no entanto, ao analisarmos de maneira interdisciplinar, podemos perceber a forte relação da história com a literatura, na qual o espírito bucólico tomou conta de algumas regiões da colônia. Foi com a vinda da família Real ao Brasil, mais precisamente no ano de 1808 que houve um aumento do público leitor, tornando a prática de ler mais acessível.

A Idade Média, apesar da pejativa *idade das trevas*, teve seu momento de construção de ideias, sobretudo para a população. Vivenciando um momento teocrático, ou seja, Deus como o centro de todas as coisas, buscou popularizar a leitura e o entendimento e com isso os trovadores jograis e menestréis que cantavam versos de aventura e romance em forma de relatos todos os acontecimentos (OLIVEIRA, 2007).

Foi no século XII que a literatura popular se difundiu de forma independente da Igreja, da língua oficial da instituição que é o latim, e, com a ascensão da burguesia, essa divergência de cultura e de público ficou mais visível (OLIVEIRA 2007, p.06; apud LUYTEN 2005, p.18).

A existência do cordel na península ibérica deu-se a partir do século XVI:

Na Espanha, os folhetos eram denominados de pliegos sueltos (folhas soltas), pliegos de cordel ou coplas de cego – em alusão aos poetas cegos que vendiam e cantavam versos nas ruas -, e eram levados pela metrópole à América Hispânica com os nomes de hojas e corridos, tal como são designados na Argentina, México, Nicarágua e Peru. De acordo com a folclorista Olga Fernández Latour de Botas, essa produção literária apresenta narrativas de costumes e fatos circunstanciais, assim como a literatura de cordel brasileira. Um dos mais famosos corridos do México foi *El fusilamiento del general Felipe Ángeles*, escrito na época da Revolução Mexicana. Já em Portugal, havia as „folhas volantes“, que deram origem à literatura de cordel no Brasil. O nome „cordel“ é uma alusão ao modo lusitano de vender os folhetos, que ficavam presos por um barbante ou cordel nas casas ou barracas onde eram comercializados (OLIVEIRA, 2007, p.07).

Escrever a História pode ser considerado uma garantia de conservar o passado possibilitando gerações futuras a compreender este período, substituindo a imaginação pela realidade (LUCENA, 2015).

Para Teixeira (2008), o cordel teve seu início com:

A cantoria de viola do grupo de poetas da Serra do Teixeira, no Estado da Paraíba, no final do século XVIII. Eles criaram as sextilhas sete silábicas. O poeta Agostinho Nunes da Costa (1797-1858) foi o primeiro cantador conhecido de tal grupo.

Depois do cordel cantado do final do século XVIII, tem-se registro no final do século XIX das primeiras impressões de folhetos de cordel. O precursor foi o poeta Leandro Gomes de Barros (1868-1919) e o primeiro folheto localizado é deste poeta e data de 1893. A partir daí a literatura de cordel passou a ser, além de cantada, também escrita (TEIXEIRA, 2008, p. 13).

A sextilha sete silábica que é considerada uma característica literária do exterior, no entanto, enquanto cordel associou-se à temática escrita, adotando um conceito de brasilidade. Todavia, foi no período conhecido por e Entre Guerras (1918-1939) que surgiram muitas mudanças, sobretudo com o público leitor que cresceu e necessitou de uma maior quantidade de exemplares.

Conforme afirmam Menezes; Neto (2008):

Sendo um suporte de fácil manuseio e de baixo custo, era através dos folhetos que as camadas populares tinham contato com o noticiário. Por vezes os cordéis eram lidos coletivamente, propiciando a aproximação de indivíduos não alfabetizados com o mundo da leitura e da escrita (MENEZES NETO, 2008, p.12).

A obra de arte sempre foi reproduzível, ou seja, o que o homem fazia era reproduzido, mas a reprodutibilidade técnica é algo novo e vai se impondo na sociedade, ao qual se tornou essencial para a propagação dos cordéis. A reprodução de cordéis vem aumentando e torna-se algo comum. Os cordéis já não são mais procurados como antes, nas feiras, como entretenimento, porém, como de fato uma obra que assinala a característica do público nordestino (BENJAMIN, 1955).

O que foi lançado para ser “pendurado” passou a ser posto em uma banca devido à grande quantidade e a história tornou-se uma grande aliada porque a ênfase dada a temas como o Cangaço e lendas consideradas realidade por muitos eram contadas em forma de rimas facilitando o entendimento de todos, então os poetas ao relatarem as mudanças existentes nos modos de vida, costumes, atingem a sensibilidade das pessoas, causando diversas possibilidades tais como incomodar, influenciar, confundir, confrontar, afirmar, desiludir todo público leitor (LUCENA, 2015).

Algumas características da literatura de cordel são inegáveis e o que as tornam conhecidas em qualquer lugar, tanto por quem lê, como quem só vê. Por exemplo: a grande maioria traz uma tradição cultural muito forte sobre relatos regionais, o que de certa forma contribui muito para manter a tradição de um povo, e sabendo que na grande maioria das vezes essa cultura é retratada oralmente. Outra característica e não menos importante são os desenhos, mais particularmente as *xilogravuras*<sup>1</sup>, As xilogravuras, hoje em dia são usadas em capas de cadernos, encartes e propagandas áudio visuais, devido ao seu grande alcance de público, a literatura de cordel não se enquadra apenas a cultura nordestina.

Os cordelistas, pessoas que confeccionam os folhetos, são também de fundamental importância para compor a literatura de cordel, sobretudo de compreendermos o cordel enquanto literatura. Para José de Nicola: o que torna um texto literário é a função poética da linguagem que “(...) ocorre quando a intenção do emissor está voltada para a própria mensagem, com as palavras carregadas de significados (1998, p.24).”

Outra marca importante absorvida pela literatura de cordel no Brasil foi o interesse pela figura do herói, E heroicização se concretizou chegando até as décadas de 1930 e 1940 trazendo informações sobre os fatos da época. Em um momento em que a comunicação era escassa e os jornais eram raridades, eram lidos em locais populares como feiras, mercados, locais que aglomerava uma quantidade de pessoas. Os cangaceiros foram os temas mais abordados durante a época na qual eram adotados como heróis (TEIXEIRA, 2008).

Para o estudo da história, se utilizam diversas fontes, tanto a escrita, como a oral, no caso da literatura de cordel, ela une as duas coisas, o que torna mais interessante e desafiador para quem se lança em desenvolver um trabalho através dos folhetos. O próprio folheto poder ser considerado uma fonte imprescindível para o estudo da história, mesmo tendo em mente que a ficção se mistura com a realidade e ambas se tornam tão similares na “boca do povo”, que fica difícil separar o mito da realidade, como por exemplo, é o caso de Virgulino Ferreira da Silva<sup>2</sup>, mais conhecido como Lampião (GOMES, HACKMAYER, PRIMO, 2008).

---

1 Em sua definição é arte feita através da presa da madeira, de origem chinesa. Disponível em: <https://www.significados.com.br/xilogravura/>. Acessado em 05 de jun. de 2019.

2 Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (1897-1938), conhecido como Lampião, nasceu na cidade de Serra Talhada, no Sertão de Pernambuco, no dia 7 de julho de 1897, em uma família de lavradores e criadores. Era o terceiro filho de uma família de sete irmãos, sabia ler e escrever. Ajudava na pequena fazenda do pai

As histórias provenientes desse personagem e seus feitos são conhecidas graças à tradição oral e aos cordelistas que se beneficiaram da tradição oral, não só para escrever sobre Lampião, mas tantos outros que citaremos aqui. A literatura de cordel para além de se tornar uma fonte histórica, proporciona a leitura da realidade histórica na perspectiva do povo, das massas.

Abaixo, alguns trechos de literatura de cordel sobre o Rei do Cangaço:

Uma vez numa cidade  
Lampião apareceu  
Cinco rapazes pegou  
E de punhal abateu  
Tirando o sangue de um deles  
Um de seus cabras bebeu.

Um rapaz que estava noivo  
Num esteio ele amarrou  
A noiva fez ficar nua  
Com ferro em brasa a marcou  
E ao noivo desesperado  
O criminoso castrou.

(Combate e morte de Lampião, de Zé Vicente)<sup>3</sup>

O vigia foi e disse  
A Satanás no salão:  
— Saibo vossa senhoria  
Que aí chegou Lampeão  
Dizendo que quer entrar  
E eu vim lhe perguntar  
Se dou-lhe o ingresso ou não.  
— Não senhor,  
Satanás disse  
Vá dizer que vá embora  
Só me chega gente ruim  
Eu ando muito caipora  
Eu já estou com vontade  
De botar mais da metade  
Dos que tenho aqui p'ra fora.

(Chegada do Lampião ao inferno, José Pacheco)<sup>4</sup>

---

cuidando dos animais.O cangaço o atraiu, em 1915, e na madrugada de 28 de julho de 1938, na Grota de Angico, no povoado de Poço Redondo, em Sergipe, Lampião e seu bando, foram surpreendidos com rajadas de metralhadoras. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/lampiao/>. Acessado em 06 de jun. de 2019.

3 Disponível em <http://www.ablc.com.br/lampiao-o-capitao-do-cangaco/>. Acesso em 06 de junho de 2019.

4 Disponível em: <http://www.ablc.com.br/a-chegada-de-lampiao-no-inferno/>. Acesso em 06 de junho de 2019.



Fig. 01 – Cordel A chegada de Lampião no inferno

### 3. A HISTÓRIA DE SERGIPE NO CORDEL

Sabe-se, historicamente, que as terras que hoje correspondem a Sergipe, em sua fundação, foi palco de pelejas sangrentas e mortais entre índios e conquistadores portugueses. Embora não despertasse tanto interesse econômico para a Coroa Portuguesa, em 1534 foi instaurado por Portugal no Brasil um sistema administrativo chamado de capitanias hereditárias, sendo Sergipe parte da capitania da Bahia.

Em 1820, com a Carta Régia assinada pelo imperador Dom Pedro I, Sergipe é emancipada da Bahia, tornando-se uma capitania independente. A partir do final do século XIX, como Felisbello Freire (1891), e mais tarde com Maria Thetis Nunes, dentre outros, sua história estará devidamente registrada, tanto oficialmente, como por instituições de salvaguarda da memória e científicas.

Também essa história tornar-se-ia motivo para inspirar os cordelistas, sem que para isso houvesse uma preocupação, por exemplo, com a cronologia, mas com o registro popular dos fatos que marcaram e definiram a sergipanidade, sua história e suas práticas e saberes culturais.

Vou falar sobre Sergipe  
Um pouco de sua gente  
Da sua História Política  
Do seu povo consciente  
Dos Governadores do passado  
Desde Província a Estado  
Até a data presente

Com a queda do Império  
No país foi implantado  
Regime Republicano  
Que foi aceito, aprovado,  
Da província ainda lembro,  
Foi a treze de dezembro,  
Em estado transformado,

Dr. Felisbello Freire  
Ilustre Historiador,  
Foi quem governou primeiro  
O Estado com muito amor,  
Sergipe cresceu bastante,  
No comércio era um gigante  
Com esse governador (...)<sup>5</sup>

---

5 Um pouco de Sergipe em Literatura de Cordel, de Eronildes de Oliveira Rosa.

Esse cordel trata sobre a parte política de Sergipe, seus versos ritmados fazem a leitura prazerosa e compreendida ao ouvinte. O entendimento do assunto se torna mais leve até para quem nunca ouviu falar sobre ele.

Como já se frisou anteriormente neste trabalho, a literatura de cordel pode ser considerada e usada como documento de pesquisa e de conhecimento para diversas áreas, sabendo é claro que como uma narrativa popular devemos somar com outras fontes de pesquisa para que fique mais claro e firme o assunto a que se pesquisa. Até porque são textos construídos (muitos deles), através de uma narrativa oral que se permeia no imaginário da população. A literatura de cordel se faz conhecida e apreciada, pois em seus versos ritmados torna-se melhor a leitura, compreensão e memorização.

A história de Sergipe, contada em diversas vertentes a partir de inúmeros olhares, chega aos cordéis com uma nova proposta: o aprendizado através de rimas. Saber sobre a primeira capital de Sergipe e seus atrativos, pode até ser fácil quando estudamos a história desse estado, mas entender o processo, sobretudo de transferência de São Cristóvão para Aracaju e a emancipação política da província, deixa algumas dúvidas que nos faz questionar sobre a grande influência da Bahia.

Todavia, com os cordéis houve uma popularização, uma atividade dinâmica que nos faz compreender melhor, de forma mais acessível ao povo, a história. Sergipe é vista de uma nova forma, sua estrutura, suas capitais, economias que fomentam o entendimento de novas páginas daquela a quem os imperadores visitaram.

A metodologia tem grande importância para o aprendizado, e, a depender de como seja contada, não passa apenas de um assunto de pouca importância. Desta forma, o cordel surge como um diálogo para o leitor, e suas rimas ganham, juntamente com o imaginário, os espaços do conhecimento.

Abordando a questão da metodologia podemos apresentar um dos cordelistas de Sergipe que se preocupou em passar a História desta terra. A forma como o cordel é apresentado é de extrema importância para o interesse e a continuidade da leitura:

No trilho da poesia  
Com meu dom, meu cabedal,  
Cito a história de Sergipe  
Da era colonial  
Resgatar nosso passado  
Pra mim é fundamental...

Vou citar alguns guerreiros  
Que viveram por aqui  
Lutando por suas terras  
Tal destreza nunca vi  
Entre eles se destacam  
Aperipe e Serigy...

Foram muitos os guerreiros  
Que morreram nessas terras  
Defendendo os seus lares,  
Entre morros rios e serras,  
Da covardia dos brancos  
Na crueldade das guerras...

Eles foram massacrados  
Sem nenhuma compaixão  
E também escravizados  
Nesta mesma região  
Os índios tupinambás  
Sofreram muita agressão<sup>6</sup>

Essas estrofes, retiradas do livro *a História de Sergipe contada em versos*, de Chiquinho do Além-Mar<sup>7</sup>, retratam muito bem sobre o que estamos propondo: a História contada em cordéis com uma metodologia inovadora, acessível e que representa em forma de protesto literário a região nordestina. Esta literatura é contada em um livro em forma de cordel, respeitando a ordem construtiva da literatura popular. Nesse breve trecho que apresentamos podemos observar a História de Sergipe, sendo contada em versos. A princípio podemos ver a história em seus primórdios, citando o nome de figuras importantes como Aperipê e Serigy e uma das tribos indígenas que faziam parte das terras sergipanas. De uma forma simples e interessante podemos conhecer uma parte da história (SANTOS, 2012).

Nesse início citado, falamos sobre o começo da História de Sergipe contada de uma forma muito atraente pelo autor, fala se sobre a Invasão Portuguesa e a Conquista de Sergipe em 1590. Para melhor administração da colonial, os portugueses dividiram a região em Capitânicas Hereditárias, Sergipe fazia parte da Capitania de Todos os Santos, que pertencia a Francisco Pereira Coutinho. Na tentativa de escravizar os índios foram feitas diversas expedições, os indígenas resistiram, porém, em 1590 foi mantado um capitão chamado Cristóvão de Barros para pôr fim a essa guerra, que acabou conquistando

---

6 SANTOS, F. P. História de Sergipe contada em versos, p. 13-14.

7 Francisco Passos santos, popularmente conhecido por Chiquinho Além Mar, é um escritor sergipano que tem contribuído de forma expressiva com a cultura popular de sergipana.

a região e fundou o Arraial de São Cristóvão e deu o nome de Sergipe Del Rey (SANTOS, 2012).

Nas poucas linhas podemos extrair grandes informações. A questão aqui foi explicitamente lê e com a leitura do cordel, fazer uma análise juntamente com ajuda de outros autores que utilizam outras fontes documentais. O que podemos afirmar, que o cordel pode e deve ser utilizado como fonte histórica.

Citaremos e analisaremos outro trecho, dessa vez mais difundido na cultura histórica de Sergipe.

Com o dom que Deus me deu  
Vou até pra Nicarágua,  
Faço rima, conto estórias,  
Sem guardar rancor ou mágoa.  
Vou narrar hoje a vida  
Do grande João Bebe-Água...

Nascera em São Cristóvão  
No ano de 23 (1823)  
Era um autodidata  
Com talento de burguês  
E tinha grande domínio  
Sobre o nosso português...

É João Nepomuceno  
O seu nome original  
Um nome bem conhecido,  
Um homem sensacional,  
Uma peça bem atuante  
Da antiga capital...  
Francisco Borges da Cruz  
Foi seu pai e capitão,  
Silvério da Costa Borges  
Foi seu único irmão,  
São Cristóvão foi o alvo  
Da sua adoração...

Foi grande trabalhador,  
Tinha arte e maestria.  
Ele foi um patrão-mor  
Na ilha Santa Luiza,  
Amanuense e entre outras  
Funções que ele exercia...<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> SANTOS, F. P. História de Sergipe contada em versos p.62-63.

Esses versos são parte do capítulo intitulado *A mudança da capital na visão de João Bebe-Água*. João Bebe-Água, com o nome de João Nepomuceno Borges, nasceu em Laranjeiras, ocupou vários cargos políticos e era um homem atuante contra a mudança da capital. A nossa primeira capital foi São Cristóvão, que em 1855 foi transferida para Santa Antônio do Aracaju, os motivos que levaram para a mudança da capital eram vários, além de político, tinha também uma questão de localização para referência de um porto para entrada e saída de mercadorias. Se não fosse Aracaju, seria outra cidade, mas a transferência aconteceria. João Bebe-Água, não aceitava a retirada do título de São Cristóvão como capital. Ele fez muitas manifestações para que não acontecesse a mudança e depois da mudança lutava para o retorno do título de capital. As manifestações de João não tiveram êxito. Morreu sonhando com a retorno da capital (SANTOS, 2012).

Quantas informações se pode extrair dos cordéis. A História de Sergipe é rica e principalmente contada de uma forma tão genuína, apesar de sabermos que o cordel não é brasileiro e nem tão pouco nordestina, porém a maior disseminação é no Nordeste, o cordel é tão nosso, tão brasileiro, tão nordestino e que conta maravilhosamente bem a nossa história como sobre a sua economia e cultura:

O coco veio ao Brasil  
Na época colonial [1553]  
No Recôncavo Baiano  
Foi cultura original,  
Trazido de Cabo Verde,  
na África setentrional

É da produção de côco  
Que Sergipe é maioral  
É motivo para nós  
De orgulho nacional  
A tradição do cultivo  
É Produto cultural<sup>9</sup>

É através destes versos de Antônio Wanderley<sup>10</sup> que podemos identificar o coco como uma atividade econômica e cultural de Sergipe, e, como afirmam diversos historiadores sergipanos.

---

9 CORRÊA, A. W. DE M. O coco e o coqueiro na cultura sergipana. Literatura de cordel.

10 Antônio Wanderley de Melo Corrêa é autor e cordelista. Natural da cidade de Japaratuba-SE, e reside a cidade de Aracaju a mais de 35 anos. É licenciado em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e co-autor dos livros história de Sergipe para vestibulares. Possui diversas obras populares que abordam a temática de História econômica e cultura popular de Sergipe.

Dentre tantas histórias contadas pelos cordelistas, podemos destacar o autor Eronildes de Oliveira Rocha<sup>11</sup> que se preocupou em enfatizar a historiografia sergipana, ou seja, alguns autores importantes que se encarregaram de contar a história de desde a colonização com a ocupação, seguido por se tornar província. Um momento de grande dificuldade para o território que foi palco de muitos conflitos entre portugueses e outros conquistadores europeus como por exemplo os holandeses (FREIRE, 1891):

Vou falar sobre Sergipe  
Um pouco de sua gente,  
Da sua História Política  
Do seu povo Consciente,  
Dos Governos do Passado  
Até a data presente...

...Drº Felisbello freire  
Ilustre historiador,  
Foi Quem Governou Primeiro  
O Estado com muito amor,  
Sergipe cresceu bastante,  
No comercio era um gigante  
Com esse governador,

Depois José Calazans  
Doutor de Honra e papel  
Ajudou muito a Sergipe  
Guiando um povo fiel  
Construiu o Tribunal  
E também o hospital  
Chamado Santa Izabel<sup>12</sup>

---

11 Eronildes de Oliveira Rosa, conhecido como Palmeirinha da Bahia, é o mais novo cidadão sergipano desde o ano de 2016. Natural da cidade de Paripiranga-BA, desde muito cedo tornou-se repentista e poeta. Em 20 anos comanda o Programa cultura da Nossa terra na Rádio Progresso localizada na cidade de Lagarto-SE, ao qual defende os direitos do povo sendo contrário a injustiças sociais.

12 ROSA, E. de O. Um pouco de Sergipe em Literatura de Cordel.

#### **4. ENSINAR E APRENDER A HISTÓRIA DE SERGIPE ENTRE VERSOS E RIMAS**

A educação pode ser compreendida como um ato de ensinar e aprender, e, são através destas duas ações que a História de Sergipe pode ser passada para as gerações seguintes, uma vez que, diversos pesquisadores se comprometeram em dedicar-se exclusivamente a um ou outro tema, alicerçado em alguns episódios que tiveram destaques.

A História é vista por muitos como uma disciplina complexa, monótona porque grande parte acredita que é uma ciência decorativa, mas, quando se aprende levam consigo em uma bagagem sem tamanho e valor.

Diante do exposto, podemos conhecer diversas formas de passar o ensino de História, e uma delas pode estar neste tipo de literatura, rica e de grande representatividade.

A escrita é uma das principais características que identifica o desenvolvimento do ser humano, e seguido pela leitura, completa a assertiva do educador Paulo Freire sobre o acesso à cultura humana. Contudo, como afirma Vigotski (2007):

O momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem (VIGOTSKI, 2007, p. 11-12).

A fala é uma grande ferramenta capaz de levar o aprendiz ao conhecimento eterno, criando novos caminhos a serem trilhados até encontrar respostas, a fala tem o poder de instigar o conhecimento.

Em um momento em que a tecnologia está centralizada, sobretudo, no campo educacional, através de suas ferramentas que tornam cada vez mais o estudante um ser crítico ao qual o conhecimento batendo à porta, muitas vezes deixa a desejar, pois acontece de encontrar notícias falsas mais conhecidas como *fake news*<sup>13</sup>.

---

13 Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/146576/140222/>. Acesso em 16 de ago. de 2019.

Sabemos que mesmo em um momento de ampla tecnologia, nem sempre é possível que o professor trabalhe com estas ferramentas informacionais, sobretudo nas escolas de rede pública em que os gastos têm a cada dia aumentado, principalmente na atual conjuntura política que foram realizados cortes de verbas.

O Brasil é um país de contraste, ao qual seu ensino superior reflete sobre a sociedade brasileira como um todo e devemos entender as divisões e classificações existentes sobretudo quando se trata de comparar o ensino público do ensino privado (NEVES E MARTINS,2014).

Desta forma, é preciso estar aberto a diversas metodologias de fácil acesso e que possa garantir o desenvolvimento do aluno através do conhecimento em diversas temáticas abordadas, e a literatura de cordel preenche todos estes requisitos, uma vez que para construir basta apenas escolher o tema e dar espaço aos versos.

Nestes tipos de literatura, a rima realizada com palavras populares e muitas vezes coloquiais faz com que o leitor identifique semelhança ao cotidiano em que vive, conforme afirma Nogueira (2009): “A literatura cordeliana vem carregada de contextos históricos, fala da vida simples e difícil das pessoas, quando trabalhada em sala de aula ajudará o professor a fazer com que o aluno seja sujeito do conhecimento e se sinta arte deste conhecimento”.

Interdisciplinaridade é um termo que vem sendo utilizado no campo educacional, ao qual a literatura de cordel pode ser encaixada. Podemos entender como interdisciplinaridade:

(...) como uma condição fundamental do ensino e da pesquisa (em níveis universitários e do segundo grau) na sociedade contemporânea. Mas, antes de iniciar qualquer reflexão sobre este tema, deve ser observado que o conceito de interdisciplinaridade (assim como o de transdisciplinaridade) tem sofrido usos excessivos que podem gerar sua banalização. Por isto, parece prudente evitar os debates teóricoideológicos sobre o que é a interdisciplinaridade, sendo preferível partir da pergunta sobre como esta atividade se apresenta no campo acadêmico atual (LEIS, 2005, p. 3).

Desta forma, a interdisciplinaridade garante a inserção da literatura de cordel no ambiente escolar.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de cordel tem sido um grande desafio em meio ao universo da ciência e da informação tecnológica, uma vez que criada por autores populares, desde poetas e repentistas, até historiadores, dá aos seus versos e rimas a capacidade de se inserir no ambiente de sala de aula.

Diante de tantos recursos existentes, a literatura de cordel ainda sobrevive, pois faz parte da cultura popular do povo nordestino, sobretudo sergipano e se destaca pela forma em que ela é apresentada, de maneira muito simples em papel de cor é impresso, e possui ainda gravuras capazes de explicitar tudo o que cada verso quer dizer.

A leitura em cordéis pode ser iniciada com a certeza de ser finalizada devido a facilidade na compreensão do assunto pelo leitor. É uma forma eficiente para o aprendizado em sala de aula porque une o útil ao agradável reunindo a escrita à leitura à forma de falar, gravuras, e à forma de divulgação e exposição em vários cordões pendurados atraindo a atenção do leitor.

Destarte a literatura de cordel é uma ferramenta de grande importância para a metodologia do ensino de história, rica em conhecimento popular, e uma diversidade de temas elencados que torna cada vez mais a história formadora de seres críticos. É de grande importância para a sociedade sergipana pois faz parte de sua cultura e garante ao povo brasileiro a reafirmação de uma identidade genuína e exclusiva de cada local a depender da região destacada por algumas palavras.

É grande a perspectiva de professores que utilizam os cordéis em sala de aula porque resultados são apresentados de forma positiva, uma vez que o aluno se torna leitor, escritor, desenhista, além de recitar os versos dando voz a cada história, a cada personagem. Todavia, podemos compreender que a literatura de cordel vem ganhando espaço nas salas de aula tornando mais atrativa e mais envolvente as aulas de história porque rimar ajuda a compreender que a história não é uma disciplina decorativa, é preciso formas como esta para aprender garantindo assim grandes resultados compreendendo que partindo de uma história, de um momento, a atual conjuntura política, social e econômica nacional, estadual, municipal, depende de histórias que reflete nas pessoas do cotidiano porque como dizem por ai, a voz do povo é a voz de Deus.

## REFERENCIAS

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1563569/mod\\_resource/content/1/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1563569/mod_resource/content/1/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf).

Acesso em 31 de maio de 2019.

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 79.(Adaptado).

CARVALHO, M. F. C. de.; MATEUS, C. A. Fake news e desinformação no meio digital: análise da produção científica sobre o tema na área de ciência da informação. UFMG, Belo Horizonte: 2018. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/3760>. Acesso em 16 de ago. de 2019.

FRANÇA, J. M. de. Entre a ficção, a memória e a história: uma análise interdiscursiva em folhetos de cordéis. Work. pap. linguíst., 13(1): 01-20, Florianópolis, jan.jun,2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/...8420.../24164>. Acesso em 22 de maio de 2019.

FREIRE, Felisbela. História de Sergipe. Rio de Janeiro, Tipografia perseverança: 1891. <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221700>. Acesso em 29 de jul. de 2019.

GOMES, K.; HACKMAYER, M.; PRIMO, V. Lampião, Virgulino e o mito 70 anos do fim do Cangaço. Agenda Eclática: 2008. Disponível em: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/4%20-%20lampiao,%20virgulino%20e%20o%20mito.pdf>. Acesso em 31 de maio de 2019.

JOÃO BEBE ÁGUA. Museu da gente Sergipana, Aracaju: 2013. Disponível em: <http://museuhsergipe.blogspot.com/2013/03/revisao-na-biografia-de-joao-bebe-agua.html>. Acesso em 8 de ago. de 2019.

LEIS, H. R. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. Disponível em: <http://ppgich.ufsc.br/files/2009/12/TextoCaderno73.pdf>. Acesso em 16 de ago. de 2019.

LUCENA, K. G. M. de. História e Literatura: O folheto de Cordel em Territórios de Fronteiras. Cadernos do Tempo Presente. N.22, dez. 2015/jan. 2016,p.57-69. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/viewFile/5302/4387>. Acesso em 13 de maio de 2019.

NEVES, C. E. B.; MARTINS, C. B. Ensino superior no Brasil: uma visão abrangente. Disponível em:

<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9061/1/Ensino%20superior%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em 10 de ago. de 2019.

NOGUEIRA, A. M. Origem e características da Literatura de Cordel. Ariquemes: 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/ea00709a.pdf>. Acesso em 13 de ago. de 2019.

OLIVEIRA, D. M. de. Jornalismo-arte na literatura de cordel. [Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2007.](#) Disponível em:

<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1658/1/DOLIVEIRA.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2019.

TEIXEIRA, L. A. Literatura de cordel no brasil: os folhetos e a função circunstancial. Uniceub Brasília: 2008 Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1840/2/20513195.pdf>. Acesso em 24 de maio de 2019.

VIGOTSKY, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.